

Roriz reinicia programa

CORREIO BRAZILIENSE

de assentamentos

O GDF retoma no próximo dia 18 o programa de distribuição de lotes nas áreas dos assentamentos de famílias de baixa renda. O governador Joaquim Roriz determinou que sejam convocados em torno de mil pessoas, algumas já para receberem o lote e outras para apresentarem a documentação junto à Shis. A medida foi decidida ontem, numa reunião que Roriz manteve com vários secretários e presidentes de órgãos ligados aos programas de assentamentos. Roriz optou pela retomada da distribuição de lotes, depois que os participantes do encontro garantiram que o governo já está em condições de preencher os quase mil lotes que sobraram dos assentamentos já implantados.

O governador também anunciou que não será necessária a criação de novas áreas, além das já aprovadas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (Cauma), para que todas as 35 mil famílias cadastradas na Shis recebam seus lotes.

"Nós ainda temos um saldo de mil lotes espalhados

em vários assentamentos e, na área de Santa Maria — próximo do Gama — ainda há capacidade para abrigar mais 15 mil famílias. Isso, sem mencionar as novas áreas que estão sendo preparadas", explicou Roriz.

Na reunião, também ficou decidido a antecipação do próximo encontro do Cauma do dia 28 para a quinta-feira da semana que vem. Nesse dia, o Cauma irá apreciar a fixação de quase 700 famílias na área do Varjão. O Relatório de Impacto do Meio Ambiente (Rima) sobre o local é favorável à fixação dessas famílias, desde que o seu número permaneça inalterado. Roriz criou um grupo executivo de fixação do Varjão, para estudar as necessidades de infra-estrutura do local.

Para evitar o aumento no fluxo migratório no DF, o governador Roriz pediu maior rigor no cumprimento das regras para que as famílias possam ser beneficiadas com lotes, principalmente no que se relaciona com o tempo de moradia na cidade, que precisa ser superior a cinco anos.

ANTONIO CUNHA



O CAS tem registrado um aumento no número de migrantes jovens

CAS abriga hoje 230 pessoas

O Centro de Apoio Social (CAS), órgão subordinado à Secretaria de Desenvolvimento Social, hospeda hoje, entre migrantes, mendigos e idosos, 230 pessoas. Inaugurado em setembro do ano passado, o CAS já registrou a passagem de aproximadamente dois mil migrantes pelo seu serviço de triagem, em três meses e meio. "Estamos constatando um aumento no número de migrantes jovens para Brasília, com idade entre 18 e 25 anos", afirma a diretora do CAS, Josefa da Silva Nogueira. Somente no mês de dezembro o Centro cadastrou 303 migrantes e 79 deles eram jovens naquela faixa etária.

Aqueles que passam pela triagem do CAS recebem orientação psicossocial, "a partir do princípio do respeito à autodeterminação do indivíduo, dentro daquilo que ele define como meta de vida", esclarece Marluce Coelho, assistente social da entidade. Se o migrante chega a Brasília e não encontra meios de se instalar, recebe do CAS passagens de volta para sua terra natal ou para outra cidade de sua preferência. Ao decidir-se por morar no DF, os recém-chegados têm o apoio do órgão para conseguir trabalho, através de um posto do Sine instalado dentro do próprio Centro de Apoio Social. Além de conseguir emprego para estas pessoas, o Sine também fornece a carteira de trabalho.

"A maioria dos migrantes vem dos estados do Nordeste e do Sudeste, sem escolaridade (analfabetos) ou apenas com o primeiro grau incompleto", alerta Marluce Coelho. Esse é um detalhe significativo que dificulta ao Sine encontrar colocação para a enorme quantidade de migrantes que chega todos os dias à sede do CAS, em Taguatinga. "Em outu-

bro conseguimos empregar 11 pessoas com registro em carteira", avalia a assistente social, "mas ainda não computamos os números referentes aos meses de novembro e dezembro". Ela constata que o baixo nível de escolaridade "é um obstáculo para empregar essas pessoas".

Dia 31 de dezembro, estima Marluce Coelho, o CAS alojou mais de cem pessoas: "Foi uma avalanche". A média de atendimento normal, por dia, é de 20 migrantes. No último mês de 1990, a entidade cadastrou 84 nordestinos; 78 provenientes da região Sudeste; 68 do Centro-Oeste; 41 pessoas de região Norte; e apenas 23 vieram do Sul. Com capacidade física para alojar até mil e 30 pessoas, a entidade só dispõe de estrutura operacional para atender 450 migrantes e mendigos, teto máximo registrado pelo CAS na primeira quinzena de novembro passado.

As crianças com idade entre zero e 12 anos, além das demais refeições, recebem lanche à tarde, a partir das 15h. São 206 dormitórios com capacidade para alojar cinco pessoas em cada quarto, divididos em 19 pavilhões. "Temos o prédio do refeitório onde também fica a cozinha industrial e o serviço de atendimento médico e psicossocial, local da triagem; e o prédio da administração". Segundo Marluce Coelho, a maioria dos migrantes fica no Centro de oito a 15 dias, "só o tempo de conseguirmos dar uma solução para cada caso", explica ela. Apesar da grande rotatividade, há pessoas que estão no CAS há mais de 30 dias: "São aqueles que estão com problemas de saúde, como é o caso de um paraplégico em tratamento no hospital Sarah Kubitscheck e que não tem onde ficar em Brasília".